

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E O SENTIDO DE SER DOCENTE E PESQUISADORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela da Mota Porto¹

Sonia Maria Alves de Oliveira Reis²

RESUMO

Este relato de experiência, derivado de uma pesquisa de mestrado, busca compreender de que forma as memórias da infância, revisitadas pela escrita de si, contribuem para a constituição da identidade docente e para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com uma Educação Infantil humanizada e ética. A partir da metodologia da escrita de si, por meio do memorial de formação (Passeggi, 2010), o texto reflete sobre o processo formativo da autora e sobre a influência das vivências pessoais e profissionais na maneira de compreender as crianças e a docência. As reflexões articulam lembranças da infância, experiências docentes e fundamentos teóricos que sustentam a Educação Infantil como direito das crianças e campo de pesquisa. O relato evidencia que a escrita de si constitui um potente instrumento formativo, capaz de articular o vivido e o aprendido, a memória e a prática, contribuindo para o fortalecimento de uma Educação Infantil que reconhece as crianças como protagonistas e as professoras como pesquisadoras de suas próprias trajetórias.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias da infância. Identidade docente. Educação Infantil. Memorial de formação. Escrita de si.

CHILDHOOD MEMORIES AND THE MEANING OF BEING A TEACHER AND RESEARCHER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

This experience report, derived from a master's degree research project, seeks to understand how childhood memories, revisited through self-writing, contribute to

¹ Professora efetiva da Educação Básica da Prefeitura Municipal de Guanambi. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Gestão e Organização da Escola, Educação do Campo e Educação Infantil. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: danielamporto@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1068-5640>. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1853062603200332>

² Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII – Guanambi. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDuF/UNEB). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0129-0719>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9391155498685665>

the formation of teacher identity and the development of pedagogical practices committed to a humanizing and ethical Early Childhood Education. Using the methodology of self-writing, through the training memorial (Passeggi, 2010), the text reflects on the author's formative process and the influence of personal and professional experiences on her understanding of children and teaching. The reflections intertwine childhood memories, teaching experiences, and theoretical foundations that support Early Childhood Education as a children's right and a field of research. The report highlights that self-writing is a powerful educational tool, capable of connecting lived and learned experiences, memory and practice, contributing to the strengthening of an Early Childhood Education that recognizes children as protagonists and teachers as researchers of their own trajectories.

KEYWORDS: Childhood memories. Teaching identity. Early Childhood Education. Memorial of formation. Self-writing.

INTRODUÇÃO

No calor de uma tarde comum, na qual as obrigações éticas da pesquisa se misturam ao acolhimento das famílias, surge um diálogo simples, porém carregado de significado: “Você é a menina de dona Tônia, não é?”, indaga uma senhora, enquanto busca reconhecer um rosto familiar por trás da máscara. Essa breve interação é o ponto de partida para uma jornada de reflexões profundas sobre identidade, infância e docência.

Este relato de experiência, derivado de uma pesquisa de mestrado, busca refletir sobre o percurso formativo da autora, compreendendo como as memórias da infância influenciam a construção da identidade docente e a prática pedagógica na Educação Infantil. O texto nasce do desejo de compreender a própria trajetória como professora e pesquisadora e de pensar o lugar das memórias e da escrita autobiográfica nesse processo.

As experiências formativas, as vivências com as crianças e os estudos realizados durante o mestrado em Educação contribuíram para a consolidação de um olhar sensível e reflexivo sobre a infância e sobre o fazer docente.

Assim, o relato tem como objetivo compreender de que forma as memórias da infância, revisitadas pela escrita de si, contribuem para a constituição da identidade docente e para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com uma Educação Infantil humanizadora e ética. Nesse movimento, a memória é entendida como território de formação e investigação, capaz de produzir sentidos e fortalecer vínculos entre a história de vida e a docência.

Nesse percurso, a escrita de si, por meio do memorial de formação (Passeggi, 2010), se constitui como um caminho metodológico e reflexivo, possibilitando compreender a articulação entre experiência, memória e prática docente. Metodologicamente, o memorial de formação constitui o núcleo da análise, permitindo uma leitura crítica e reflexiva sobre as trajetórias vividas e os contextos formativos que moldaram a autora enquanto pesquisadora e docente. Essa abordagem é complementada por uma revisão bibliográfica atualizada, que evidencia a importância de escutar as vozes das crianças nas pesquisas educacionais, apontando lacunas e possibilidades no campo da Educação Infantil.

A partir dessa perspectiva autobiográfica e formativa, o relato amplia o olhar individual para um contexto coletivo, reconhecendo que as trajetórias pessoais também se entrelaçam às políticas públicas e às concepções pedagógicas que orientam a Educação Infantil.

Para além de uma reflexão individual, este trabalho insere-se em um diálogo mais amplo com as discussões contemporâneas sobre os direitos das crianças e a qualidade das práticas educativas nos espaços escolares. Com base nos marcos legais e referenciais curriculares (Brasil, 1996, 2017), bem como nas contribuições teóricas de Paulo Freire (1996, 2015), o estudo enfatiza a relevância de práticas pedagógicas fundamentadas no respeito às especificidades da infância e na valorização do protagonismo infantil.

Ao revisitar memórias, a pesquisa com crianças e as práticas educativas sob a ótica e a voz das crianças, este estudo revela não apenas as experiências vividas, mas também o contexto que contribui para o fortalecimento de uma Educação Infantil que respeite e promova os direitos das crianças, reconhecendo-as como protagonistas no processo educativo.

TRAJETÓRIAS DE VIDA E DE FORMAÇÃO E O ENCONTRO COM A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PESQUISA COM CRIANÇAS

A MENINA DE DONA TÔNIA

- *Você é a menina de dona Tônia, não é? A professora do grupo³?*

³Na comunidade, usamos termos particulares para nos referirmos às instituições escolares do bairro. A escola que atende a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, denominamos

- *Sou sim!*
- *Ah! Minha filha, com essas máscaras a gente quase não conhece mais ninguém. Você vai dá aula aqui agora?*
- *Não, só vou desenvolver uma pesquisa com as crianças aqui.*
- *Ah tá! Manda lembranças pra sua mãe!*
- *Pode deixar, mando sim!*
(Diário de Campo, 19 abr. 2022)

Esse diálogo aconteceu no dia que fui apresentar o projeto de pesquisa para os pais, as mães e/ou responsáveis pelas crianças que estudam na Escola Municipal de Educação Infantil (Emei), na qual faria a investigação e pediria a permissão para desenvolver o estudo com seus filhos e filhas. Aproveitei um dia de reunião que os/as professores/as da turma já haviam agendado. A reunião estava marcada para as 17 horas e eu cheguei uns 30 minutos mais cedo que o combinado, que coincidiu com o horário em que a escola libera as crianças do regime integral. E eu acabei encontrando essa senhora que estava lá para buscar seu neto.

Na verdade, esse título de “a menina de dona Tônia” não foi exclusivo desse momento, e sim uma identificação que permeou minha história na comunidade na qual cresci. Sempre fui uma criança muito envolvida nas ações comunitárias de meu bairro, nas apresentações organizadas pelo clube de mães Abelha Rainha do bairro BNH⁴, para o Dia das Crianças, na catequese como catequisanda e posteriormente como catequista, nas apresentações da escola e em outros espaços. E assim, vira e mexe, alguém se referia a mim como “a menina de dona Tônia”.

Quando me tornei parte do quadro de professores e professoras da escola de minha primeira infância, nesse mesmo bairro, muitos responsáveis por meus alunos, principalmente os avós, ou seja, as mães dos meus colegas de escola e amigos do bairro que me viram crescer e permearam esses espaços, quando vinham à escola para

como a *escola* ou o *grupo*. Anteriormente, as Escolas Municipais tinham a nomenclatura de Grupos Escolares; então, os mais velhos ainda nomeiam a escola como grupo. E para a Escola Municipal de Educação Infantil (Emei), usamos a designação *creche*. Por isso, nos textos que representam os diálogos, esses termos serão utilizados para dar nome a uma ou outra instituição.

⁴ BNH é o nome do bairro. Esse nome foi dado, devido ao fato de o bairro ter se originado dos conjuntos habitacionais financiados pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH), via Banco Nacional da Habitação (BNH), e promovidos pela Habitação e Urbanização da Bahia S.A. (URBIS). Oficialmente, nas contas de luz e água, o bairro era nomeado como Urbis 1; popularmente, ficou conhecido como bairro BNH, sigla do banco que financiou o conjunto habitacional. Porém, depois, o nome do bairro se consolidou de maneira oficial como bairro BNH.

poder conversar comigo enquanto professora de seus netos e netas, identificavam-me como “a professora menina de dona Tônia”.

As muitas de mim fazem o eu que sou, numa constituição mútua de saberes, mobilizado nas experiências dos papéis assumidos durante minha formação escolar, pessoal, profissional e acadêmica. Assim sendo, sou a filha caçula dos três filhos de dona Tônia; também sou irmã, mãe e esposa; sou cristã; sou aluna; sou pesquisadora das Infâncias; também professora, aliás, uma professora que quer falar com e para outras/os professoras/es, em defesa das crianças, de suas Infâncias e dos modos sensíveis de organizar e Educação Infantil a partir dos interesses das crianças.

EU CRIANÇA: REVISITANDO MINHA INFÂNCIA

Voltar-me sobre minha infância remota é um ato de curiosidade necessário (Freire, 2015, p. 41).

Trago em minhas lembranças, momentos muito felizes de minha infância. Tenho consciência do privilégio de ter tido a oportunidade de vivenciar uma infância cheia de amigos e brincadeiras.

Em minha primeira infância, morei no meio rural, tendo um quintal bem grande para correr e brincar com meus irmãos, principalmente com minha irmã, já que temos pouco mais de dois anos de diferença de idade. Apesar de nossa grande diferença de personalidade, ela sempre muito quieta, tímida e obediente, eu curiosa, conversadeira e chorona, brincávamos muito juntas.

Lembro-me das brincadeiras por entre a roça de feijão ou debaixo dos pés de juazeiros, que minha mãe limpava com muito cuidado antes de ir plantar ou catar feijão. Sempre fomos muito poupadados por minha mãe, que se desdobrava para dar conta dos afazeres de casa, do trabalho da roça e ainda das muitas costuras que pegava para complementar a renda, mas não passava nenhuma dessas responsabilidades para nós, para que, em suas palavras, “pudéssemos ser criança de verdade”, diferentemente dela, que, por ser a irmã mais velha, teve que cuidar dos irmãos e da casa desde muito novinha.

Após meus 4 anos, viemos morar na cidade, por conta dos estudos de meu irmão mais velho. Aqui meu círculo social aumentou, não era mais só eu e meus

irmãos, e alguns primos que porventura iam nos visitar na roça, agora estava rodeada de crianças da vizinhança e da escola. Brincar na rua de casa era programação diária; muitas brincadeiras eram desenvolvidas por nós: baleado, pula corda, bandeirinha, amarelinha, elástico, pega-pega, entre outras. Ficávamos ansiosas pelas festas de aniversário uns dos outros, que eram, a nosso ver, uma festança, com bolos enormes e caldeirão de suco de pacotinho⁵, sem grandes ornamentações ou presentes chiques, mas com muita alegria e diversão.

Na escola, que é na rua do fundo da casa de minha mãe, fazíamos planos das brincadeiras da tarde, quem levaria os materiais necessários para a brincadeira da vez. Em sua grande parte, estes se tratavam de sucatas ou brinquedos não estruturados, tais como latas de óleo, cabo de vassoura, elástico de roupa, vasilhas de manteiga, até mesmo as próprias sandálias etc.

Revisitar essas lembranças se faz necessário para entender algumas nuances de minha vida adulta. Com a clareza de que cada um de nós, ao longo de nossa existência, esteve ou está imerso em papéis e lugares sociais carregados de significados. E a natureza de nossas lembranças, apesar de singular é social, são memórias que fazem parte de determinado grupo e período social, os quais emergem emaranhados de muitas memórias afetivas. Assim, revisitar e refletir sobre minhas próprias memórias da infância, acessa um período muito feliz de minha história.

O DESPERTAR DE MINHA VOCAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 1991, p. 58).

Ao intitular esta subseção como “O despertar de minha vocação para o exercício da docência”, não faço isso por acreditar que o ser humano já nasce com habilidades inatas que uma pessoa precisa ter para assumir tal cargo ou profissão, como se fosse algo mágico. Faço isso, no sentido de relatar o momento em que me

⁵ É como chamamos o suco em pó, que, por sua vez, é uma mistura em pó para o preparo de suco de origem americana.

percebi como educadora, quando me permiti ser tocada pela arte e pela ciência do educar, quando me dispus a uma reflexão constante e busca permanente por aperfeiçoamento de minhas práticas a cada dia. Acredito que todo o caminho percorrido por mim, em minha infância, adolescência e vida adulta, os relacionamentos regados de muito respeito e afeto com meus professores, a admiração que minha mãe tinha e tem pelos profissionais da educação e pela própria educação, as crianças que passaram por minha sala de aula, formaram e constituíram a educadora que sou.

Sempre estudei em escola pública e, como disse, mantive um relacionamento de afetividade com meus professores, principalmente, da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Esse período de minha escolarização despertou em mim uma admiração pelos professores e a crença de que, por meio da educação, aconteceria a transformação social de minha vida, crença essa transmitida, principalmente, por minha mãe, que, apesar de não ter tido a oportunidade de estudar, devido às muitas dificuldades de sua época de infância e juventude, sempre reforçava a importância de eu me dedicar aos estudos para garantir melhores oportunidades e condições de vida. Essa idealização de educação que transforma realidade, trago comigo até os dias atuais e tento repassar tanto para minhas filhas quanto para as crianças que passam por minha sala.

Em meus anos de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, sempre estava inserida nas apresentações dos eventos escolares, em jogos, gincanas e outras atividades extracurriculares. Quando estava no terceiro ano do Ensino Médio, houve a necessidade de começar a trabalhar devido às dificuldades financeiras que minha família enfrentava, causadas, sobretudo, pela saída de meu pai de casa. Principei a trabalhar aos 16 anos de idade, como babá.

Concluí o Ensino Médio em 2008 e tirei um período sabático em relação aos estudos, pois resolvi não prestar o vestibular naquele ano. No ano que fiquei sem estudar, trabalhei como vendedora e secretária, nenhum desses ofícios conseguiram me tocar de alguma forma. Então, comecei, meio que por acaso, a atuar como monitora numa escola particular e, depois, por causa da necessidade da escola, tornei-me professora de uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino, com oito alunos. Lembro-me de cada rostinho de meus primeiros alunos, lembro-me das sensações, expectativas e alegrias que essa turma me oportunizou.

Fui tocada de uma forma tão profunda pelo exercício do ensino que decidi prestar vestibular para o curso de Pedagogia no *Campus XII* da Universidade Estadual de Bahia (Uneb).

No dia 10 de maio de 2010, acontecia minha primeira aula no curso de Pedagogia e se iniciava uma nova jornada em minha vida, com muitas realizações, frustrações, alegrias e choros. Apesar de estar na faculdade, não parei de trabalhar como professora, confesso que foi muito difícil conciliar os trabalhos, as pesquisas, os relatórios e todas as outras avaliações acadêmicas, com os projetos e planejamento da escola. Mesmo com essas dificuldades e outras que surgiram durante o desenvolvimento do curso, fui me apaixonando cada vez mais pela Pedagogia e pelo ofício de ser professora. Dediquei o meu máximo, estudei muito, participei de eventos como a semana acadêmica, além de ter integrado simpósios, congressos e seminários, apresentei trabalhos, ministrei oficinas e minicursos com temas relacionados à Educação Infantil e aos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Trabalhar como professora durante todo o curso de Pedagogia possibilitou-me fazer realmente a ponte entre teoria e prática, refletir sobre elas, senti-las e compreender como ambas realmente se processam. Foi enriquecedora essa vivência para minha construção de conhecimentos entre o ser docente e o ser discente, e, como diz Freire (1996), não há educador que não seja educando, nem educando que não seja educador.

Em 2013, um novo ciclo profissional se iniciou, quando saí da escola particular onde trabalhava e comecei a atuar como estagiária do Instituto Euvaldo Lodi (IEL) para auxiliar a direção e os professores de uma escola pública que, coincidentemente, é a mesma escola em que estudei em minha infância. Lá realizei os estágios curriculares do curso de Pedagogia, e, em meados do ano desse mesmo ano, passei a fazer parte do quadro de professores/as dessa escola do município de Guanambi, por meio da aprovação no processo seletivo. E agora, com muita alegria, digo que faço parte do quadro efetivo de docentes, pois passei no concurso para professor no ano de 2022.

Assim, vou me constituindo professora, em um percurso de um pouco mais 15 anos de exercício, em sua maioria na Educação Infantil da escola pública, adquirindo e vivenciando conhecimentos por meio dos cursos de especialização , tais como: Educação Infantil, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi), concluído

em 2016; Educação do Campo pela Uneb, *Campus XII*, concluído em 2018; Gestão e Organização da Escola com Ênfase em Coordenação e Orientação Escolar pela Universidade Norte do Paraná (Unopar), concluído em 2021; e, por fim, Mestrado Acadêmico em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB), em Vitória da Conquista. Em todas as experiências de formação inicial e continuada, as discussões sobre a Educação Infantil tiveram um destaque como objeto de estudo.

A trajetória formativa e as experiências vividas com as crianças despertaram um olhar sensível para a Educação Infantil, fazendo emergir o desejo de compreender mais profundamente esse campo. As lembranças da infância, somadas às vivências profissionais e às reflexões construídas no percurso acadêmico, revelaram a importância de reconhecer a infância como tempo de direito, de escuta e de produção de saberes. É a partir desse movimento, entre memórias e práticas, que nasce o interesse em pesquisar sobre a Educação Infantil e sobre o lugar da professora-pesquisadora nesse contexto.

POR QUE PESQUISAR SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL COM AS CRIANÇAS?

Desde o início da graduação, sempre busquei direcionar minhas investigações para o campo da Educação Infantil, área na qual já atuava como professora. Essa identificação foi se fortalecendo ao longo da trajetória profissional e acadêmica, motivando a realização de cursos de formação continuada e especializações voltadas à infância e às práticas educativas. Experiências como a apresentação do trabalho “O planejamento na Educação Infantil: estudo numa escola da rede municipal de ensino de Guanambi-BA” (Porto et al., 2011) e, posteriormente, o artigo “A importância e os percursos metodológicos da práxis no planejamento educativo na Educação Infantil” (Porto, 2018), foram marcos significativos nesse percurso.

Entre as produções mais recentes, destaco o artigo publicado em 2025 no Caderno Pedagógico, intitulado “Do outro lado da força: relatos de uma professora da Educação Infantil em missão no 1º ano do Ensino Fundamental” (Porto, 2025), no qual discuto os desafios da transição entre etapas de ensino e as resistências pedagógicas diante das políticas de padronização. O capítulo “Diálogos sobre currículo na Educação Infantil: brincando com as coisas e compreendendo a razão de

ser das próprias coisas" (Porto, 2023) que busca articular teoria e prática no debate sobre o currículo e as pedagogias da infância. Também apresentei pesquisas em eventos relevantes da área, como o Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste (ANPEd Nordeste, 2024), com o trabalho "Vozes da infância: desvendando práticas educativas a partir do olhar das crianças" (Porto, 2024), além de participar de seminários e congressos nacionais e internacionais voltados à infância, currículo e práticas educativas.

As vivências em sala de aula, somadas aos estudos e reflexões produzidas e publicadas, ampliaram minha compreensão sobre o papel da escola e sobre a importância de reconhecer as crianças como sujeitos de direito, com saberes e modos próprios de compreender o mundo. Essas experiências consolidaram meu interesse em compreender as infâncias em suas diferentes realidades, meu compromisso em manter um diálogo constante entre docência, pesquisa e produção acadêmica, e meu desejo de desenvolver pesquisas que incluíssem as vozes e percepções das crianças.

Pensar a Educação Infantil hoje é reconhecer que essa etapa da Educação Básica é um direito garantido por marcos legais e curriculares como a Constituição Federal (Brasil, 1988), a LDB (Brasil, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Esses documentos expressam uma concepção de infância como tempo de experiências, descobertas e convivência, e reafirmam a criança como sujeito histórico, social e de direitos.

A Educação Infantil, nesse sentido, constitui-se como espaço de convivência, cuidado e aprendizagem, onde se entrelaçam dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais. É o primeiro espaço educativo fora do âmbito familiar, o que o torna decisivo na formação de vínculos, identidades e modos de ser. Compreender essa etapa como um campo específico e legítimo da Educação Básica é reconhecer que nela se constrói um modo próprio de aprender, de se relacionar e de produzir cultura.

Autores como Oliveira-Formosinho (2007) e Sarmento (2003) nos ajudam a compreender que a criança não é um vir-a-ser, mas um sujeito pleno, produtor de cultura e de significados sobre o mundo. Essa concepção exige da professora um olhar que valorize o brincar, a imaginação e a escuta como eixos centrais da prática pedagógica. Ao mesmo tempo, desafia-nos a revisar continuamente nossas próprias

concepções de infância, muitas delas forjadas nas memórias e nas experiências vividas.

A partir dessa compreensão, a Educação Infantil se torna também um campo fértil para a pesquisa, especialmente quando se adota a perspectiva de pesquisar com as crianças, e não sobre elas. Esse deslocamento metodológico e ético implica reconhecer as crianças como participantes legítimas do processo investigativo, capazes de produzir interpretações, opiniões e narrativas sobre suas experiências. Pesquisar com as crianças é um exercício de escuta e de coautoria, que amplia a compreensão sobre o cotidiano escolar e sobre o modo como elas significam o mundo.

Desse modo, ao longo das leituras, reflexões e vivências formativas, percebi que o conhecimento produzido sobre a Educação Infantil ainda é relativamente recente e, em muitos casos, marcado por um olhar predominantemente adulto. Ainda são poucos os estudos que tomam as crianças pequenas como sujeitos de direito e de fala, capazes de expressar percepções e interpretações sobre o que vivem. Essa constatação reforçou o desejo de contribuir para o fortalecimento de uma perspectiva de pesquisa que reconheça as crianças como interlocutoras legítimas e ativas na construção do conhecimento sobre as práticas educativas.

Assim, a escuta das crianças passa a ser compreendida como um gesto ético e político, um modo de ampliar o conhecimento sobre o cotidiano das instituições de Educação Infantil e sobre o que realmente acontece nos espaços que as acolhem. Essa escuta se ancora na imagem da criança como ser competente, crítico e comunicativo, capaz de se posicionar diante das situações que vivencia.

Integrar as vozes das crianças nas pesquisas sobre Educação Infantil é uma condição fundamental para pesquisadores da Infância, principalmente se este for docentes que atuem nessa etapa da Educação Básica, para que creches e pré-escolas se tornem espaços de aprendizagem, desenvolvimento e prazer.

Essa postura investigativa está intimamente ligada à concepção de infância que norteia minha trajetória. As memórias da própria infância e as experiências docentes me ensinaram que escutar as crianças é escutar também o que há de mais humano em nós. A pesquisa com as crianças, portanto, não é apenas uma metodologia, mas um gesto ético e político que reafirma o compromisso com uma educação humanizadora, dialógica e sensível.

Assim, ao unir memórias, trajetórias e marcos legais, este relato reafirma o compromisso com uma concepção de infância que valoriza o protagonismo das crianças, o diálogo entre teoria e prática, e a formação docente como um processo contínuo de reflexão e de escuta sensível.

ESCRITA DE SI: CAMINHO METODOLÓGICO

As reflexões desenvolvidas nas seções anteriores, sobre a Educação Infantil e sobre a pesquisa com crianças, evidenciam a necessidade de compreender o lugar da professora-pesquisadora no processo formativo e investigativo. É nesse ponto que a escrita de si se apresenta como caminho metodológico coerente com as experiências vividas e narradas ao longo deste relato. Por meio dela, torna-se possível integrar as memórias da infância, as práticas pedagógicas e os sentidos construídos na docência e na pesquisa, estabelecendo uma relação orgânica entre experiência e conhecimento.

Este relato de experiência adota uma abordagem qualitativa, centrada na utilização do memorial de formação como metodologia principal. O memorial de formação, enquanto escrita de si, possibilita ao pesquisador explorar criticamente sua própria trajetória de vida, revelando os eventos, experiências e relações que moldaram sua prática docente e identidade profissional. Conforme Passeggi (2010), trata-se de um texto acadêmico autobiográfico em que se realiza uma análise crítica e reflexiva da jornada intelectual e profissional, destacando a influência exercida por pessoas, eventos e experiências mencionadas.

Sobre isso, Passeggi (2010, p.1) afirma:

O memorial como escrita de si é primeiramente uma ação de linguagem. Se a escrita não pode modificar os fatos vividos, ela pode modificar sua interpretação. Ao simbolizá-los de outra maneira, modificamos a consciência que temos dos fatos, de nós mesmos e de nossa ação no mundo.

Nessa perspectiva, a autora pressupõe que, por meio dessa reflexão autobiográfica, o indivíduo é capaz de se distanciar de si mesmo e adquirir consciência dos conhecimentos, crenças e valores desenvolvidos ao longo de sua vida. Durante esse processo, ele comprehende a historicidade de sua trajetória e a consciência de sua própria evolução ao longo do tempo. Ainda segundo a autora, na

produção do gênero Memorial de Formação, o autor tem o desafio de articular experiências de sua formação humana e profissional, sublinhando momentos significativos sobre fatos que constituíram o processo formativo.

A escrita do memorial, além de ser uma prática formadora, promove a ressignificação das vivências e a (re)construção identitária. Nesse sentido, ela permite que o pesquisador se distancie das experiências vividas, reinterpretando-as e atribuindo-lhes novos significados. Passeggi (2010) afirma que “a escrita não pode modificar os fatos vividos, mas pode modificar sua interpretação”. Assim, por meio da simbolização e da organização das memórias, o pesquisador transforma a consciência que possui sobre si mesmo e sobre sua prática no mundo.

O processo metodológico baseou-se em duas etapas principais: a escrita reflexiva do memorial e a análise crítica do conteúdo produzido. Na primeira etapa, revisitei memórias significativas de minha infância e trajetória profissional, conectando-as às minhas escolhas pedagógicas e metodológicas na Educação Infantil. Esse exercício autobiográfico foi fundamentado por uma revisão teórica que sustenta a importância da historicidade das vivências pessoais para a construção da identidade docente (Freire, 1996; Passeggi, 2010).

Na segunda etapa, foi realizada uma análise narrativa, na qual o conteúdo do memorial foi examinado à luz de categorias teóricas previamente estabelecidas, como memórias da infância, influências formativas e práticas pedagógicas. O objetivo foi compreender de que forma as memórias da infância, revisitadas pela escrita de si, contribuem para a constituição da identidade docente e para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com uma Educação Infantil humanizadora e ética. Essa análise permite compreender o impacto das interações sociais e culturais na construção de valores e crenças pedagógicas, alinhando-se à perspectiva de que a infância e a docência são construções sociais e culturais.

A análise das narrativas evidenciou que as lembranças da infância permanecem como referências vivas na constituição da minha identidade docente. Ao revisitar memórias de brincadeiras, relações familiares e experiências escolares, percebi como essas vivências moldaram minha compreensão sobre o valor do afeto, da escuta e do brincar como dimensões fundantes da prática pedagógica. Essas recordações revelam que muitas das escolhas que faço como professora têm origem

em experiências significativas da infância, nas quais me senti acolhida, ouvidas e incentivada a criar.

Também emergiram, nas narrativas, tensionamentos e redescobertas: a necessidade de desaprender práticas marcadas por visões adultocêntricas e de reconhecer a criança como sujeito ativo na construção do conhecimento. Ao analisar o memorial, comprehendi que ser professora da Educação Infantil é, ao mesmo tempo, reencontrar a criança que fui e aprender a olhar o mundo com a curiosidade e a sensibilidade das crianças com quem convivo. Essa percepção reforça a importância de uma docência que se constrói na escuta, na afetividade e na permanente reflexão sobre as próprias memórias e concepções.

Os resultados desta análise revelam que o memorial de formação é um instrumento poderoso para refletir sobre a prática docente e a identidade profissional. Ele permite ao pesquisador reconhecer a interconexão entre suas vivências pessoais e suas escolhas pedagógicas, evidenciando como a escrita de si pode ser um recurso metodológico valioso para investigar as práticas educativas sob uma perspectiva crítica e contextualizada.

Portanto, a metodologia adotada neste relato reafirma a importância das narrativas autobiográficas na pesquisa em Educação, sobretudo em pesquisas realizadas por docentes da Educação Infantil, ao destacar a relevância das experiências individuais na construção de práticas pedagógicas reflexivas e transformadoras. A escrita do memorial não apenas ilumina a trajetória do pesquisador, mas também contribui para o campo acadêmico ao ampliar o entendimento sobre a relação entre história pessoal, identidade docente e práticas educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência, se propôs a compreender de que forma as memórias da infância, revisitadas pela escrita de si, contribuem para a constituição da identidade docente e para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com uma Educação Infantil humanizadora e ética. Ao adotar uma abordagem metodológica fundamentada no memorial de formação, busquei não apenas compreender as experiências das crianças, mas também refletir criticamente sobre

minha própria jornada intelectual e profissional, reconhecendo a influência de minhas memórias e experiências passadas em minha prática atual.

Ao longo deste estudo, foi evidenciada a importância de compreender a infância como uma construção histórica, cultural e social, indo além de uma visão estritamente biológica. Destaco a diversidade de infâncias ao longo da história e em diferentes contextos culturais, bem como a influência das interações diárias com adultos na formação das crianças.

Essa compreensão dialoga diretamente com os documentos orientadores da Educação Infantil, como a Constituição Federal (1988), a LDB (1996), as DCNEI (2010) e a BNCC (2017), que reafirmam a criança como sujeito histórico, social e de direitos. Ao relacionar essas concepções com minha trajetória, percebo o quanto elas ecoam as experiências e valores que emergem das minhas memórias de infância e da minha prática como professora. A leitura desses documentos, à luz das vivências relatadas, fortalece a convicção de que a Educação Infantil deve ser um espaço de escuta, afeto e participação das crianças, princípios que também constituem o cerne da minha formação e atuação docente.

O estudo reconhece também o impacto significativo das memórias da infância não apenas em minha prática pedagógica, mas também em minha abordagem de pesquisa. Ao compreendermos nossas próprias experiências como crianças, somos capazes de enriquecer nossa compreensão das experiências das crianças que estudamos.

Nessa perspectiva, este relato autobiográfico narra uma jornada marcada por múltiplos papéis e experiências que me moldaram em minha trajetória de vida e profissional. O diálogo inicial revela minha identificação com a comunidade em que cresci, sendo reconhecida como “a menina de dona Tônia”. Esse título não apenas descreve uma identidade local, mas também resgata memórias afetivas que permeiam minha história na comunidade.

Ao revisitar minha infância, evoco lembranças felizes de uma época marcada por brincadeiras simples e pelo apoio amoroso de minha mãe. Essas memórias esclarecem sobre a formação pessoal e profissional, destacando a importância dos relacionamentos e das experiências vivenciadas na construção de minha identidade como educadora.

O despertar de minha vocação para a docência é delineado por uma série de influências, desde a admiração pelos professores na infância até a experiência como monitora e professora substituta. O ingresso no curso de Pedagogia marca o início de uma jornada acadêmica e profissional composta por desafios e aprendizados constantes, em que teoria e prática se entrelaçam de maneira enriquecedora.

A integração entre minhas experiências profissionais e acadêmicas possibilita uma compreensão mais profunda do ofício de ser professor. Essa imersão na Educação Infantil, especialmente em escolas públicas, permite uma visão crítica e sensível das questões educacionais, evidenciada por minha participação em eventos acadêmicos e minha busca por formação continuada.

Nesse sentido, constituo-me como professora ao longo de mais de uma década de atuação, enriquecendo minha prática por meio de cursos de especialização e, mais recentemente, com a conclusão do mestrado em Educação. Essa trajetória reflete um compromisso com a Educação Infantil e com a defesa dos direitos das crianças, evidenciando uma constante busca por aprimoramento e reflexão sobre sua prática pedagógica.

Desse modo, a relação entre minha trajetória e as concepções de infância presentes nos documentos oficiais revela-se transformadora. Ao reconhecer a criança como sujeito de direitos, produtora de cultura e protagonista de sua aprendizagem, também reconheço em mim a necessidade de uma docência mais aberta, afetiva e investigativa. Essa tomada de consciência, mediada pela escrita de si, permitiu-me compreender que minhas memórias e experiências pessoais são também espaços de formação, e que nelas residem os fundamentos éticos e políticos da minha prática.

Portanto, este relato de experiência não apenas revela minha história pessoal e profissional, mas também ressalta a importância do afeto, das experiências vividas e do compromisso com a educação na formação de um educador sensível às demandas da infância e da sociedade em que está inserido. As reflexões aqui apresentadas reforçam que a escrita de si é um potente instrumento formativo, capaz de articular o vivido e o aprendido, a memória e a prática, contribuindo para a construção de uma Educação Infantil que reconhece as crianças como protagonistas e as professoras como pesquisadoras de suas próprias trajetórias.

Assim, as memórias tornam-se não apenas lembranças pessoais, mas também dispositivos formativos e políticos que reconfiguram a forma de ver, escutar e educar as crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. A Etapa da Educação Infantil. Brasília, DF: MEC 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 27 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05, de 17 de dezembro de 2010. Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmddocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 07 set. 2025.

BRASIL. **Lei n° 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 7 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2006.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição 1988**: Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução CNE/CEB n° 1, de 7 de abril de 1999. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 8 abr. 1999.

CERISARA, Ana Beatriz. A produção acadêmica na área da educação infantil: primeiras aproximações. In: FARIA, Ana Lúcia Goulard de; PALHARES, Marina Silveira (Org.) **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MWbkd5gNtMT77mSwpRtPMry/?lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2024.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina. Reflexões sobre minha vida e minha práxis.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAVA, Fabíola Alves Coutinho; SÁNCHEZ, Damián Sánchez. Movimentos sociais e educação infantil: dos caminhos históricos às conquistas e desafios atuais. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, [S. l.], v. 2, n. 7, p. 55-75, 2016.

Disponível em:

<https://journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/444>.

Acesso em: 15 set. 2025.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância, Sociedade e Cultura. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (org.). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 13-29.

MARQUES, Fernanda Martins; SPERB, Tania Mara. A escola de Educação Infantil na perspectiva das crianças. **Psicologia: Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 414-421, 2013.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Mochida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org.). **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-36.

PALHARES, Maisa Saveira; MARTINEZ, Ciaudia Macia Diabos. A educação infantil: uma questão para o debate. In: FARIA, Ana Lúcia Goulard de; PALHARES, Marina Silveira (org.) **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 5. ed. Campinas. Autores Associados, 2005. p. 5-18.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, Dalila A.; DUARTE, Adriana M. C.; VIEIRA, Lívia M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2010. CDROM

PORTO, Daniela da Mota. “Do outro lado da força”: relatos de uma professora da Educação Infantil em missão no 1º ano do Ensino Fundamental. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v. 22, p. e18848, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n10-036

PORTO, Daniela da Mota; REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. Vozes da infância: desvendando práticas educativas a partir do olhar das crianças. In: **ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE - REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL - ANPEd Nordeste**, XXVII, 2024, São Cristóvão, SE. Anais... São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2024. p. 1-8. ISSN 2595-7945. Disponível em: <https://base.pro.br/sites/regionais3/trab.php?cod=17937>. Acesso em: 24 set. 2025.

PORTO, Daniela da Mota. “**Essa é Minha Escola!**”: As Práticas Educativas em uma EMEI de Guanambi a Partir do Olhar das Crianças. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 2023

PORTE, Daniela da Mota. A importância e os percursos metodológicos da práxis no planejamento educativo na Educação Infantil *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO*, 9., 2018, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: UERJ, 2018. v.9. p. 1-15.

PORTE, Daniela da Mota. A importância e os percursos metodológicos da práxis no planejamento educativo na Educação Infantil *In: GUILHERME, Willian Douglas (org.). Educação no Brasil: experiências, desafios e perspectivas*. 1. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. v. 2. p. 9-20.

PORTE, Daniela da Mota *et al.* **O planejamento na educação infantil: Estudo numa escola da rede municipal de ensino de Guanambi - BA**, 2011.

(Comunicação, Apresentação de Trabalho na XVI Semana Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extensão Universidade e Sustentabilidade: educação, saúde e gestão como espaços de intervenção).

SANTOS, Sandro Vinicius Sales Dos; BENTO, Maksilane Eudilane. Currículo Da Educação Infantil: Campos de Experiência, Direitos e Desejos de Aprendizagem. *Revista Vagalumeear*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 123-136, jan. 2023. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/rv/article/view/2572>. Acesso em: 24 mar. 2023.

Recebido 8 de janeiro de 2025
Aceito 14 de outubro de 2025